

## “PROFESSOR, ESQUECI O LIVRO, E AGORA? ”: POR UMA AULA DE LEITURA COM/SEM O LIVRO DIDÁTICO

Jocenilton Cesário da Costa

*Secretaria de Estado da Educação dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte*

*[newton.costa.jp@hotmail.com](mailto:newton.costa.jp@hotmail.com)*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar o trabalho com a leitura por meio de um recurso crucial (ou não) para as aulas de Língua Portuguesa, o livro didático. Tendo em vista as grandes desvantagens e problemáticas da prática de leitura na escola, bem como a abordagem de atividades desprovidas do verdadeiro entendimento de textos, busca-se refletir como se desenvolve a percepção do leitor no tocante às tipologias de perguntas propostas, suas interações e convergências e qual o papel do professor nesse liame. Nessa perspectiva, propõe-se a refletir a importância do uso do livro didático nas aulas de Português e suas implicações no não uso desse recurso metodológico. Para tanto, a proposta aqui feita parte da problemática de como os professores de língua materna estão usando o livro didático nas práticas metodológicas cotidianas. Dessa forma, constatou-se que a leitura, na maioria das vezes, não alcança seus preceitos favoráveis, devido algumas atividades que contemplam apenas decodificação e não contribui, de fato para a essência da compreensão textual. De acordo com as considerações esplanadas, fica evidente que o ensino de leitura, tomando como mérito inescusável o livro didático, está, ainda ineficaz e comprometedor no tocante à proficiência leitora. O professor, portanto, deve tomar por base esses critérios para que possa desenvolver um trabalho que se enquadre dentro das perspectivas de um ensino contributivo aos diversos saberes construídos a partir do livro didático. Assim, é necessário um olhar mais apurado por parte do professor no tocante ao planejamento e seleção de material ao longo das aulas ministradas no cotidiano da sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, livro didático, aula de Português.

### INTRODUÇÃO

O complexo trabalho com o ensino de língua materna nas escolas não passa, na maioria das vezes, incólume das deficiências existentes nas atividades de práticas de leitura propostas nos livros didáticos. Há quem defenda que o devaneio existente entre a formação de leitores assíduos é decorrência de uma metodologia que não leva o aluno a entender um determinado texto, tornando-se, assim, insatisfatória aos reais objetivos da compreensão textual. Tomando por base essas considerações e outras discussões voltadas para o ensino de leitura para alunos do Ensino Fundamental, frisa-se neste trabalho uma visão reflexiva acerca das atividades abordadas no uso

livro didático em sala de aula, observando a decadência de algumas falhas e suas consequências no processo da formação leitora. A relevância deste estudo pauta-se, assim, na reflexão que se faz com o uso do livro didático e seus principais preceitos metodológicos.

Para tal fim, este trabalho está organizado em seis seções: primeiramente, uma explanação sobre leitura, mostrando diferentes conceitos na perspectiva de diversos autores; logo após, uma abordagem das diferentes concepções de leitura, em seguida, uma visão da leitura vinculada às metodologias utilizadas na sala de aula, posteriormente, algumas digressões acerca do livro didático nas aulas de leitura, enfocando suas atividades na contribuição da aprendizagem e, por fim, algumas considerações finais. Para alcançar nossos méritos desejáveis, far-se-á uma discussão à luz os estudos de Garcez Geraldi (2005), Kleiman (1999), Marcuschi (2008), Silva (2005), Zilberman (1993) e dos preceitos trazidos pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997).

## **AFINAL, O QUE É LEITURA?**

Um dos preceitos mais importantes para a aquisição do conhecimento de cada indivíduo é, sem dúvida, a leitura. Por meio do conhecimento dela, cada um de nós pode adquirir saberes que são fundamentais para a nossa formação sócio-político-cultural. Baseado nesses levantamentos encontram-se inúmeras proposições que trazem à tona conceitos e considerações plausíveis para o que é leitura, seus objetivos e funções.

O nosso convívio com leitura propicia uma compreensão o funcionamento de diversos gêneros textuais – em diferentes situações. Ademais, a leitura pode ser vista como uma maneira primordial de enriquecer a memória, o senso crítico e o conhecimento sobre os diversos assuntos acerca dos quais se pode também escrever. Garcez (2004, p.23) considera que:

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo, que faz rigorosas exigências ao cérebro, a memória, e a emoção. Lida com capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os de experiências de vida os indivíduos.

Com base nessas considerações, é notável que a leitura é uma atividade que envolve um complexo procedimento, tendo em vista que ela não se baseia em meramente decodificar o que está



escrito, mas também é necessário fazer inferências, levantar hipóteses e interferir, decisivamente, no processo de interpretação e/ou compreensão de um determinado texto.

Além disso, cada indivíduo enquanto leitor desenvolve diferentes objetivos e diferentes formas de ler, seja por prazer, por obter informações para seguir instruções, dentre outros fatores que o leitor se apropria enquanto construtor e empreendedor do conhecimento. Nessa perspectiva, o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores e, conseqüentemente, a formação de escritores, uma vez que ela fornece uma forma de matéria-prima para a escrita, n uma espécie de modelo construtor para o que e como escrever. Com essa noção,

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero portador, do sistema de escrita etc. não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. [...] A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência (BRASIL, 1997, p.53).

Por tudo isso, a leitura torna-se uma tarefa indispensável na vida de qualquer indivíduo. Para isso, ela deve ganhar ênfase, principalmente, no ambiente escolar, que funciona como mediador de uma prática constante do hábito de ler para que possa formar um leitor competente e alguém que consiga compreender uma diversidade de textos que se fazem presentes na vida de cada um e que circulam, com grande impulso, nas mais variadas situações comunicativas.

## **UMA VISÃO METODOLÓGICA: POR DENTRO DAS CONCEPÇÕES DE LEITURA**

Fazendo uma abordagem sobre algumas concepções da leitura, consideram-se as concepções clássicas: leitura enquanto decodificação, no qual o sentido se dá no próprio texto, baseando-se na perspectiva o estruturalismo e não existe interação entre leitor e autor; a leitura enquanto interação, em que a leitura se dá mediante a construção do processo cognitivo que coloca o leitor em frente ao autor, considerando a interação um ponto importantíssimo na construção de sentidos. Nesse sentido, Kleiman (2001) considera:

A leitura de decodificação uma prática pobre, na qual dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno, a ainda

o leitor só precisa passar o olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já codificado da pergunta. A leitura enquanto interação consiste em solicitar uma opinião dos alunos sobre o assunto logo após a leitura do texto sem sequer ter discutido o assunto tal como ele é tratado pelo autor.

Nesta visão interacionista, diferente da visão estruturalista, o leitor passa a ser visto como um sujeito ativo porque cabe a ele não só a tarefa de descobrir o significado do texto, mas inferir sentidos a partir de sua interação com o texto.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores”, capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. Dando ênfase a essa colocação, o PCN (BRASIL, 1997, p.57) mostra que:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas preposições, tanto em relação a escrita, propriamente, quanto ao significado.

Diante disso, percebe-se que essas concepções de leitura perpassam nos diferentes âmbitos de leitura na escola, tomando por base o livro didático. Vale salientar que houve muitas mudanças nesse quadro de leitura na escola, pois o aluno é levado a interagir com várias leituras, em diferentes situações comunicativas. No entanto, o que se encontra é uma deficiência constante no trabalho com a leitura, originando assim algumas desvantagens.

## **RESULTADOS**

Para a professora Regina Zilberman, uma das funções da escola é habilitar para a leitura, seja desde um bilhete ou até mesmo a um romance. Mas o que se vê hoje é que muitas crianças não entendem o que lêem, apenas decoram. A autora acredita que as consequências desse letramento mal feito vão se avolumando ao longo da vida até o limite de atingir a idade adulta sem capacidade de exercer a cidadania. Assim,

A leitura é um mundo. Talvez seja ela o mundo. Dar à criança a chave que abre as portas desse universo é permitir que ela seja informada, autônoma e, principalmente, dona dos rumos de sua própria vida... e para despertar nos pequenos o gosto pela literatura é fundamental que os professores sejam eles mesmos grandes entusiastas dos livros. (ZILBERMAN, 1993, p.21)

Com base nessas considerações, é notável que a leitura na escola contribui para o desenvolvimento da criança e é de responsabilidade dos professores criar mecanismos para um bom desempenho da criança, mas também é necessário que o professor passe a mostrar interesse pela leitura, tornando assim leitores capacitados para interpretar e fazer da leitura um hábito “vicioso”. Nesse contexto, Geraldi (2002) aborda algumas posturas, que os leitores precisam para desenvolverem leituras concretas diante de qualquer texto:

A leitura – busca de informações, que tem como característica extrair do texto uma informação; a leitura – estudo do texto, uma forma de interlocução também com a obra de ficção e muito praticada em outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa; a leitura do texto – pretexto, para definir o tipo de interlocução do leitor/texto/autor é preciso transformar, dramatizar, e ilustrar histórias; a leitura fruição de texto, exigir o aluno a ler, com um objetivo a ser alcançado, o que define esse tipo de interlocução é o desinteresse pelo controle do resultado.

Baseado nessas abordagens, percebe-se que, para se desenvolver a leitura na escola, é viável saber como trabalhar o leitor e despertar nele o interesse pelas informações que o texto traz, o que se vê hoje é que muitas dessas posturas mostradas pelo autor não são trabalhadas na disciplina de língua portuguesa, e muitas escolas adotam leitura como uma matéria isolada da área.

## **DISCUSSÃO**

### **A leitura no livro didático: algo a ser (re)visto**

Atualmente, os livros didáticos, trazem uma variedade de textos de diferentes gêneros e tipos, no entanto, o problema tem sido atribuído ao modo como são trabalhados esses textos. Um primeiro ponto a ser destacado é a divisão de questões de compreensão e de gramática, além da qualidade das mesmas. Em análise feita por Marcuschi, sobre o livro didático, apontam nove tipos de perguntas. Vejam-se aqui os tipos e suas definições com alguns exemplos:

**A cor do cavalo de Napoleão:** são perguntas não muito frequentes, e já auto respondida pela própria formulação; *Ex. ligue.* **Cópias:** são perguntas que sugerem atividades mecânicas de transcrição de frase ou de palavras; *Ex. copie a fala do trabalhador.* **Objetivas:** são perguntas que indagam sobre conteúdos objetivamente inscritos no texto. *Ex. quem comprou a meia azul.* **Inferenciais:** estas perguntas são as mais complexas, pois exigem conhecimentos textuais. *Ex. a donzela do conto de Veríssimo costumava ir à praia ou não?* **Globais:** são as perguntas que levam em conta o texto como um todo e aspectos extratextuais. *Ex. qual a moral desse historia?* **Subjetivas:** estas perguntas tem a ver com o texto de maneira apenas superficial. *Ex. qual sua opinião sobre?* **Vale – tudo:** são as perguntas que indagam sobre questões que admitem qualquer resposta. *Ex. de que passagem do texto você mais gostou?* **Impossíveis:** estas perguntas exigem conhecimentos extremos ao texto e só podem ser respondidas com base no conhecimento do texto. *Ex. Dê um exemplo de pleonasma.* **Metalinguísticas:** são as perguntas que indagam sobre questões formais geralmente da estrutura do texto. *Ex. quantos parágrafos tem o texto?*

Vale ressaltar que, para Marcuschi, o tipo de pergunta que instiga mais a compreensão do leitor são aquelas do tipo inferenciais e globais, mostrando que são perguntas que exigem conhecimentos textuais, e que cada uma delas não pode ser descartada, pois elas têm uma função diferenciada, como também análise crítica sobre determinado assunto. No entanto, o autor passou a apresentar sugestões para o livro didático em relação a perguntas gramaticais. Nesse contexto, seria pertinente o livro trabalhar com perguntas mais atraentes e interessantes que levem aluno a inferir sobre questões mais gerais sobre o texto, levantando hipóteses, baseando em diversas estratégias e em seus conhecimentos prévios e conhecimentos de mundo adquirido ao longo de sua formação social.

É sabido que um dos suportes considerados fundamentais para o processo de ensino - aprendizagem é o uso do livro didático. No entanto, quando o assunto da leitura é enfatizado nas diversas atividades desse meio que o professor utiliza na sala de aula, as considerações não passam incólume de diferentes interações e divergências.

Desse pódio, levanta-se o seguinte questionamento: o livro didático deve ser tomado, unicamente, como o recurso ou método basilar às aulas de leitura? Pelo discutido, fica notório que é necessário o professor, enquanto mediador planejar, selecionar e organizar o que, de fato, seja viável àquela aula. Ora, se nosso aluno nos aborda com a seguinte exclamação: “professor, esqueci o livro!”, é claro que não pela questão de irresponsabilidade por parte do aluno, mas por saber que o livro didático deve ser tomado como um macete colaborativo e não como uma cartilha ou um manual a ser seguido nos métodos disseminados nas quatro paredes da sala de aula.

Partindo dessas elucidaciones, uma aula de Língua Portuguesa com ou sem o livro didático deve se efetivar de forma interativa, dinâmica e dialógica entre o professor e aluno, tendo em vista



que, para a realização de uma aprendizagem com excelência e eficácia, é necessário que haja uma relação de entendimento entre o aluno e professor, em que ambos estejam concatenados por um elo efetivo. Isso porque, consideravelmente, é interessante observar que é quase impossível, a não ser para fins didáticos e de pesquisa, tentar descobrir um caminho inerente para um bom trabalho na sala de aula, sem se referir, especificamente, o lado da relação que se estabelece entre aluno-professor.

Essas considerações nos levam a perceber a grande responsabilidade e exigência que é atribuída ao livro didático, em suas múltiplas atividades. O professor, portanto, deve tomar por base esses critérios para que possa desenvolver um trabalho que se enquadre dentro das perspectivas de um ensino contributivo aos diversos saberes pedagógicos que alicerça as práticas de sala de aula.

## CONCLUSÃO

Mediante tudo que aqui foi exposto, constata-se que a leitura é um processo que deve ser regido por inúmeras estratégias de compreensão, tendo em vista que o ato de ler não perpassa, apenas no processo da decodificação. De acordo com as considerações esplanadas, fica evidente que o ensino de leitura, tomando como mérito inescusável o livro didático, está, ainda, sujeito aos princípios de língua como meramente transmissora de informações, que se baseiam em atividades de cunho transcritivo e exercícios enfadonhos.

Em função dos aspectos analisados, observa-se que os livros didáticos, em sua grande maioria, se baseiam em recursos específicos e fechados de tornar o aluno leitor competente de um tipo de texto que raramente aprende a compreender. Isso ganha ênfase nas tipologias de perguntas que são direcionadas nas atividades de interpretação.

Nesse sentido, na leitura dos textos, o aluno o deve compreender não só o que o texto diz, mas como, porque e para que diz o que diz. Para isso, é necessário que o aluno se torne um leitor e produtor de texto consciente, capaz de entender e utilizar os recursos que criam efeitos de sentidos nos textos, além de estabelecer cruzamentos entre diferentes aspectos linguageiros que abordam temas afins.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Brasília, 1997.

GARCEZ, L. H. **Técnica de redação:** O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.23-60

GERALDI, J. W. Prática de Leitura na escola. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2005. p. 88-103.

\_\_\_\_\_. & FONSECA, M. N. G. O circuito do livro na escola. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2005. 104-112.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos de leitura. 6 ed. São Paulo: Pontes, 1999. p.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.266-281.

SILVA, L. M. Sobre leitura na escola. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2005. p.127-129.

ZILBERMAN, R. A Leitura na escola. In: ZILBERMAN, R. *et al*; **leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p.9-23.